

WILLIAM SHAKESPEARE: SONETOS XVII, XVIII e XXIX
TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Carlos Leonardo Bonturim Antunes¹

Resumo: Este texto apresenta a tradução (em Português brasileiro) comentada de três sonetos (XVII, XVIII e XXIX) de William Shakespeare, apontando algumas dificuldades na tarefa de tradução e o modo pelo qual elas foram enfrentadas na busca de uma transposição semelhante em forma e conteúdo, mas que se permite algumas licenças.

Palavras-chave: Shakespeare, tradução poética, recriação poética, ritmo, métrica.

Abstract: This paper presents the commented translation, in brazilian Portuguese, of three sonnets (XVII, XVIII and XXIX) by William Shakespeare, indicating a few difficulties in the translational task and the way that they were faced while striving for a transposition similar in shape and meaning, albeit allowing itself a few liberties.

Keywords: Shakespeare, poetic translation, poetic recreation, rhythm, meter.

Apresentação

Geralmente lembrado por suas peças teatrais, Shakespeare foi um prolífico sonetista, sendo-lhe atribuídos 154 poemas desse tipo. Os três poemas aqui apresentados são alguns de seus mais famosos sonetos amorosos. Nos de número XVII e XVIII, o poeta lida com o tema da imortalidade da beleza do ser amado por meio da arte. No de número XXIX, por sua vez, o mote é o de como o amor é capaz de elevar a existência mesmo de alguém em uma situação miserável (noção comumente interpretada em relação tanto a críticas à obra do poeta na época quanto ao fechamento dos teatros de Londres em 1592 devido à peste).

Texto e Tradução

Escritos originalmente em decassílabos jâmbicos (*iambic pentameters*), esses sonetos foram aqui traduzidos por dodecassílabos também jâmbicos. A escolha por um metro diferente se justifica pelo fato de a língua portuguesa, em geral, precisar de mais

¹ Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

espaço para desenvolver-se, diferentemente do Inglês, que tem uma abundância de palavras curtas. Achei mais interessante experimentar um metro um pouco mais longo, que possibilita menos inversões e arcaísmos desnecessários, do que empregar o decassílabo e ter de empreender muitos “malabarismos” poéticos, como já foi feito por outros amiúde e com competência.²

Exemplo da métrica no original e na tradução (Soneto XVIII, verso 1):

Shall / **I** / com / **pare** / thee / **to** / a / **sum** / mer's / **day**?

É / **jus** / to / **com** / pa / **rar-** / te a um / **di** / a / **de** / ve / **rão**?

Um único verso, na tradução, possui início anapéstico. Trata-se do seguinte verso (verso 11) do soneto XVIII:

Nem / de / **ter-** / te ao / seu / **la** / do a / **mor** / te / **se** / ri / **rá**

Essa alternância rítmica foi proposital para salientar a passagem, que, no Inglês, também tem um andamento peculiar, nem tanto pela alternância do primeiro pé jâmbico por um pé trocaico (licença comum empregada pelo poeta), mas pelo espondeu que o segue (efeito sonoro menos comum):

Nor / shall / **Death** / **brag** / thou / **wan** / d'rest / **in** / his / **shade**

Em algumas ocasiões, tomou-se a liberdade de empregar uma imagem diferente para traduzir um conceito. Um exemplo são os versos 3 e 4 do Soneto XVII:

Though yet, heaven knows, it is but as a tomb
Which hides your life and shows not half your parts.

Por mais que os céus percebam como são dispersos
Os traços com que tento recriar teus tons.

2 Entre muitas outras, vide as de Ivo Barroso (2012), Jorge Wanderley (1991) e Vasco Graça Moura (2005), todas as três traduções em decassílabos.

No original, o poeta compara seus versos a uma tumba, que esconde mais da metade das características do ser amado. Na tradução, permanece a intenção de dizer-se incapaz de reproduzir a beleza da pessoa descrita, mas por outra imagem: a de uma pintura com tons muito aquém daqueles que tenta imitar.

Nos três sonetos, tentei preservar a unidade de cada verso, evitando ao máximo criar *enjambement* onde não havia, ou ocupar mais espaço com uma ideia do que no texto em Inglês. Nem sempre foi possível fazê-lo, mas essa foi a minha meta geral.

Procurei recriar alguns efeitos poéticos importantes. Entre eles, citarei alguns.

- i) As rimas toantes no início do soneto XVIII, onde “day” e “May” têm sonoridade semelhante a “temperate” e “date” (recriadas nas duplas “verão” e “partirão”, “tom” e “bom”):

Shall I compare thee to a summer's **day**?
Thou art more lovely and more **temperate**:
Rough winds do shake the darling buds of **May**,
And summer's lease hath all too short a **date**:

É justo comparar-te a um dia de **verão**?
És mais amável e de mais ameno **tom**.
Ao vento o viço e a cor dos brotos **partirão**
E os dias estivais não têm destino **bom**.

- ii) No mesmo poema, mantive a justaposição do conceito de belo, presente em “And every *fair from fair* sometime declines” (verso 7), também em “E quanto é *belo, belo* não perdura ao teste”, por julgá-la importante na representação visual do declínio da beleza num crescendo e decrescendo.
- iii) Semelhante efeito foi reproduzido também no Soneto XXIX: “Featured *like him, like him* with friends possess'd”, “Querido como *aquele, àquele* assemelhado”.

Entre as dificuldades não vencidas, devo citar a impossibilidade de manter, no Soneto XXIX, a repetição de “state” (“condição”, “estado”) ao longo do poema. O conceito é central ao texto e vai sendo repetido conforme se configura e, por fim, se altera. Sua não-repetição, infelizmente, foi uma perda.

SONNET XVII

(ORIGINAL)

William Shakespeare

Who will believe my verse in time to come,
If it were fill'd with your most high deserts?
Though yet, heaven knows, it is but as a tomb
Which hides your life and shows not half your parts.
If I could write the beauty of your eyes
And in fresh numbers number all your graces,
The age to come would say 'This poet lies;
Such heavenly touches ne'er touch'd earthly faces.'
So should my papers yellow'd with their age
Be scorn'd like old men of less truth than tongue,
And your true rights be term'd a poet's rage
And stretched metre of an antique song:
But were some child of yours alive that time,
You should live twice; in it and in my rhyme.

SONETO XVII

(TRADUÇÃO)

William Shakespeare

Quem vai acreditar mais tarde nos meus versos
Se acaso os preencher com teus sublimes dons?
Por mais que os céus percebam como são dispersos
Os traços com que tento recriar teus tons.
Se descrevesse a formosura em teu olhar
E recontasse a conta de teus dotes todos,
"Mentiras" no futuro iriam as chamar,
"Deidade semelhante é viva só no engodo".
Assim seria o meu poema envelhecido
Tratado como tratam velhos já senis,
E julgariam tudo que te é merecido
Um exagero próprio a metros infantis.
Mas, caso viva um filho teu no tempo acima,
Terás a vida dupla: nele e nestas rimas.

SONNET XVIII

(ORIGINAL)

William Shakespeare

Shall I compare thee to a summer's day?
Thou art more lovely and more temperate:
Rough winds do shake the darling buds of May,
And summer's lease hath all too short a date:
Sometime too hot the eye of heaven shines,
And often is his gold complexion dimm'd;
And every fair from fair sometime declines,
By chance, or nature's changing course, untrimm'd;
But thy eternal summer shall not fade,
Nor lose possession of that fair thou owest;
Nor shall death brag thou wand'rest in his shade,
When in eternal lines to Time thou growest:
 So long as men can breathe, or eyes can see,
 So long lives this and this gives life to thee.

SONETO XVIII

(TRADUÇÃO)

William Shakespeare

É justo comparar-te a um dia de verão?
És mais amável e de mais ameno tom.
Ao vento o viço e a cor dos brotos partirão
E os dias estivais não têm destino bom.
Às vezes sobrebrilha o óculo celeste
E com frequência não mantém seu tom dourado;
E quanto é belo, belo não perdura ao teste
Do acaso ou da consumação do tempo dado.
Mas teu verão eterno não se apagará
Nem perderá a beleza que é somente tua,
Nem de ter-te ao seu lado a morte se rirá
Ao ver aquilo que estes versos perpetuam.
Enquanto há fôlego e visão à mente humana,
Há vida nisto e disto a tua vida emana.

SONNET XXIX

(ORIGINAL)

William Shakespeare

When, in disgrace with fortune and men's eyes
I all alone beweepe my outcast state
And trouble deaf heaven with my bootless cries,
And look upon myself and curse my fate,
Wishing me like to one more rich in hope,
Featured like him, like him with friends possess'd,
Desiring this man's art and that man's scope,
With what I most enjoy contented least;
Yet in these thoughts my self almost despising,
Haply I think on thee, and then my state,
Like to the lark at break of day arising
From sullen earth, sings hymns at heaven's gate;
For thy sweet love remembered such wealth brings
That then I scorn to change my state with kings.

SONETO XXIX

(TRADUÇÃO)

William Shakespeare

Quando, excluído da fortuna e dos meus pares,
Lastimo solitário a minha condição,
E lanço preces ao desprezo dos altares,
E olhando para mim maldigo o meu quinhão,
Querendo ser alguém mais rico de esperança,
Querido como aquele, àquele assemelhado,
Dotado de arte alheia e alheia temperança,
Com tudo que mais gosto mais decepcionado;
Porém, por esse modo quase me odiando,
Feliz eu penso em ti, e logo o meu juízo,
Como uma ave matutina se elevando
Do pó, entoa hinos junto ao paraíso:
Teu doce amor lembrado instaura tal riqueza
Que eu repudio a sorte até da realza.

Referências

SHAKESPEARE, William. *The Works of William Shakespeare*. Editado por William George Clark e William Aldis Wright. London and Cambridge: MacMillan and Co., 1866.

_____. William. *50 Sonetos de William Shakespeare*. Tradução: Ivo Barroso. Agir, 2012.

_____. *Os Sonetos Completos*. Tradução: Vasco Graça Moura. 1ª Edição. Editora Landmark, 2005.

_____. *Sonetos*. Tradução: Jorge Wanderley. 2ª Edição. Civilização Brasileira, 1991.